

## **A DOENÇA CRIADORA**

Humbertho Oliveira

Maio de 2006

### **1- Conceito**

Em seu livro *A descoberta do inconsciente*, Ellenberger apresenta o conceito de Doença Criadora. Esse conceito, ele foi buscar no xamanismo; havia feito uma revisão dos métodos principais de cura primitiva, destacando semelhanças entre alguns desses métodos e os modernos métodos psicoterapêuticos. Ao homem-medicina das tribos primitivas, concerne o cuidado do bem-estar de seu povo. Em certas tribos, relata-se a existência de feiticeiros com grande prestígio, que tratavam apenas das doenças causadas pela “perda da alma”. Na ocorrência de uma doença grave, o doente coloca suas esperanças e sua confiança na pessoa do curandeiro, demonstrando, portanto, que a principal referência à cura é a personalidade do feiticeiro.

Segundo Ellenberger, há três tipos de curandeiros: o leigo, que lida com métodos possivelmente racionais; o mago, que atua através da sugestão; e o religioso, sobre o qual o paciente projeta o “arquétipo do Salvador”, e que por fim verá, em função disso, desenvolvida suas próprias tendências autocurativas.

*“El curandero primitivo es un hombre con muchos conocimientos y experiencia, ‘un hombre de grado superior’, como denomina Elkin al hombre medicina australiano, que adquiere su grado después de una enseñanza larga y difícil. Los curanderos más primitivos la reciben de otros curanderos, y son miembros de un grupo que transmite sus conocimientos secretos y sus tradiciones. Muchos de ellos tienen que sufrir una ‘enfermedad iniciadora’. En realidad, algunos están sujetos a manifestaciones psicopatológicas. (...) Los verdaderos hechiceros (...) se convierten en hechiceros sólo después de sufrir un estado peculiar de enfermedad mental grave. Tales son los hechiceros de ciertas tribus sudafricanas, de Indonesia y, sobre todo, de Siberia. Los*

*etnólogos rusos han descrito la enfermedad iniciadora de los chamanes siberianos.*

*“Nioradzé relata cómo el joven que ha recibido la aparta de la sociedad; pasa las noches en el suelo desnudo e incluso en la nieve, observa largos periodos de ayuno, sufre grandes privaciones y conversa con los espíritus; presenta la imagen de un sicótico grave. Sin embargo, y contrastando con la enfermedad mental ordinaria, la suya comienza con una vocación por la hechicería y, durante su curso, el paciente sufre la iniciación profesional de otros chamanes: la enfermedad termina en el momento justo en que se completa la enseñanza y el sujeto se proclama a si mismo chamán”. (Ellenberger, 1976: p. 62)*

Essa “doença” não pode ser encarada aqui como uma doença mental comum, deve ser entendida como um tipo de “Doença Iniciadora”, que estaria incluída no grupo das “Doenças Criadoras”. Os xamãs, os místicos de todas as religiões, certos escritores, filósofos e artistas criativos passam por processos semelhantes. Gustav Theodor Fechner, fundador da psicofísica, teria sofrido dessa doença entre os seus trinta e quarenta anos; assim como teria acontecido com Nietzsche e com Rudolf Steiner.

Ellenberger retrata-a, em termos atuais, como uma condição rara que ocorre em seguida a um tenso período de trabalho intelectual. Seus sintomas são a exaustão, a depressão e a irritabilidade. No seu decurso, aparece uma preocupação com as questões que tanto consomem a vida do doente. A pessoa sente-se isolada, não vê possibilidade de ajuda, mas vê-se impulsionada a curar-se a si própria. Com muito sofrimento, essa doença pode durar três ou quatro anos. A recuperação é espontânea e resulta numa transformação de toda a personalidade de seu portador. A convicção de que deve compartilhar com o mundo essa experiência, é importante no quadro. (Ellenberger, 1976: p.991)

Ellenberger define a Doença Criadora indicando algumas de suas características principais. Ela costuma aparecer depois de um período na vida em que o indivíduo se vê presa de uma preocupação intensa com uma idéia e na busca acirrada de

uma certa verdade. Trata-se de um estado em que é possível se apresentar depressão, distúrbios psicossomáticas, agudização de sintomas neuróticos e até mesmo o surgimento de quadros psicóticos. De qualquer maneira, toda essa vivência é acompanhada de muito sofrimento, alternando-se com surtos de alívios. Sentimentos de isolamento total, mesmo que esteja sendo acompanhado por um guia nesta prova, são comuns. O fim dessa crise se dá, muitas vezes, de uma forma súbita, revertendo-se numa fase de alegria. Emerge-se dessa jornada tendo desenvolvido uma transformação permanente da personalidade, com a certeza de que foi possível criar algo muito importante.

*“Recordemos como Fechner pasó una leve fase hipomaniaca durante la cual penso que podia decifrar todos los enigmas del mundo. Un sentimiento de cierto modo semejante se expresa en la frase: ‘Todo aquel que tiene ojos para ver y oídos para oír se convence de que los mortales no pueden mantener escondido un secreto. Aquel cuyos labios están silenciosos charla con las puntas de los dedos, y la autotraición sale por todos los poros de su piel’. (...) Típico del final de la enfermedad creadora es el paso gradual del interés del mundo interior al exterior”. (Ellenberger, 1976: p. 513)*

Uma questão importante na conceituação dessa condição, apresenta-a Ellenberger da seguinte maneira:

*“¿Cuál es el valor heurístico de una enfermedad creadora? ¿Es la certeza de haber descubierto una verdad universal prueba suficiente de la validez de ese descubrimiento? Esta cuestión pertenece al problema más general de la validez de las experiencias psicológicas dinámicas. Uno de sus aspectos es el carácter específico de la enfermedad creadora: es una experiencia personal estricta para su explorador, pero sirve de modelo para el seguidor, y esta igualdad de patrón tiende a transmitirse de un iniciado a otro dentro de la misma escuela. El aprendiz de brujo nunca llegará a la experiencia del Nirvana de un monje tibetano, ni tampoco el yogi viajará a la tierra de los espíritus como lo hace el brujo. Este mismo tipo de especificidad se ha notado en relación con las diversas escuelas dinámicas. Las personas analizadas por un psicoanalista tendrán sueños ‘freudianos’ y tomarán conciencia de su complejo de Edipo, mientras que las analizadas por jungianos tendrán sueños*

*arquetípicos y se enfrentarán con su anima. Involuntariamente, recordamos el dicho de Tarde: 'El genio es la capacidad de engendrar la propia progenie'.*"  
(Ellenberger, 1976: p. 993)

## **2- A Doença Criadora de Freud**

### → O sonho da injeção de Irma

Segundo Ellenberger, Freud teria passado por esta crise, assolado por um grande esgotamento psicológico, muito dependente do seu amigo Wilhelm Fliess, empreendendo sua própria auto-análise, com o recurso de seu método da livre associação. Para Freud, Fliess fez-se um parceiro de pensar científico, era um médico que tratava de seus problemas físicos e tornou-se um confidente. No meio de uma vivência de insucesso no tratamento de uma cliente em comum, e em crise com a indicação médica de parar de fumar, Freud teve o seu famoso sonho da injeção de Irma, ao qual deu, pela primeira vez, uma importância analítica, obtendo a impressão de que havia resolvido o "mistério dos sonhos".

### → Vivências em torno da morte do pai

Ellenberger aponta para o período da vida de Freud que vai de julho de 1895 até a morte de seu pai em 23 de outubro de 1896. Nesse período, ele rompeu sua relação com Breuer, com quem havia publicado os *Estudos sobre a histeria*. Em função dessa separação, escreveu um projeto para uma psicologia científica, o qual abandonou em seguida. Tinha, nessa época, pressentimentos de que havia feito grandes descobertas, porém, ao mesmo tempo, tinha dúvidas atormentadoras.

Seu pai, gravemente enfermo já há alguns meses, acabou falecendo em 23 de outubro de 1896.

*“En la noche siguiente al funeral, Sigmund soñó que estaba en un local donde leía un anuncio: ‘Se ruega cerrar los ojos’. En el sueño había una connotación de reproche hacia si mismo. Se dio cuenta entonces de lo mucho que su padre había significado para él. Más a menudo tenía sentimientos de culpabilidad por la hostilidad de que le había hecho objeto. A partir de entonces, su auto-análisis, que parecía haber seguido un ritmo intermitente hasta entonces, se hizo sistemático y le absorbió cada vez más, en particular el análisis de sus sueños.” (Ellenberger, 1976: p. 509)*

Após a morte de seu pai, Freud passou a meditar exaustivamente sobre o seu sistema psicológico e sobre a base de formação das neuroses. Dando mais atenção às fantasias que encobriam certas recordações, falou de sua “pequena histeria”, escrevendo a Fliess para dizer da ocupação que tinha cada vez mais consigo mesmo, com a sua própria análise e quão árduo isso estava sendo.

A partir dessas experiências, concluiu que havia derrubado toda a sua teoria sobre a neurose: a impossibilidade de fazer uma distinção precisa, no inconsciente, entre uma recordação e uma fantasia, aumentava o mistério sobre a neurose. Em função desse impasse, parece ter-se afundado na falta de esperança de produzir uma grande teoria, de obter com isso fama e riqueza. A resposta otimista de Fliess, pode ter-lhe ajudado, pois foi por ele lembrado do quanto já havia construído: o método de interpretação de sonhos e uma metapsicologia, mesmo que ainda incipiente. A partir desse momento, sua auto-análise voltou a frutificar e as recordações de sua infância apareceram fortemente.

→ As recordações da infância

Freud passou a considerar a importância de sua primeira “experiência sexual”, através do seu contato com a sua babá. Considerou a sua libido precoce em relação à sua mãe, a sua relação com seu sobrinho, seus ciúmes em relação a seu irmão e a culpa por ele ter morrido tão cedo. Supôs, nesta época, que os

sentimentos amorosos do menino em relação à mãe e o ciúme em relação ao pai, tratavam-se de fenômenos universais.

*“Invocó los nombres de Edipo y Hamlet. Dio cada vez más importancia a la resistencia, considerada ahora como la persistencia de características infantiles. Volvió a formular su idea acerca del origen de la histeria y de las obsesiones. En este proceso, el autoanálisis y análisis de sus pacientes estaban estrechamente entremezclados, y Freud contó a Fliess: ‘No puedo darte una idea de la belleza intelectual de este trabajo’. (Ellenberger, 1976: p. 510)*

Em setembro de 1899, publicou *A Interpretação dos Sonhos*, marco do fim do que considerou sua neurose. E depois disso, continuando sua auto-análise, sentiu-se que tivera uma experiência de transformação interior profunda. Desfez sua dependência de Fliess, superou inibições, dedicou-se à sua abandonada carreira de professor e passou a reunir ao seu redor um pequeno grupo de discípulos.

#### → O sentimento de isolamento

Dado o enorme isolamento interior que apareceu no meio da vivência de sua Doença Criadora, fez-se necessário a Freud um guia. “Freud había dejado atrás las figuras patriarcales: Brucke, Meynert, mas recorreu a seu amigo Fliess que ‘había tomado de forma involuntaria e inconsciente el papel del hechicero maestro ante el aprendiz de brujo, y de director espiritual del místico”. Parece ter saído de sua doença com a descoberta do método psicoanalítico, uma nova teoria da mente. (Ellenberger, 1976: p. 513)

É interessante a consideração que Ellenberger faz acerca do significado do tão queixado abandono de Freud, já que ele se referiu as seus “dez anos de isolamento”. Ele levava uma vida familiar satisfatória, tinha um amplo círculo de amigos e obtinha reconhecimentos profissionais bastante significativos.

*“Existen pocas pruebas de envidia y bajeza por parte de sus colegas. En los casos en que la animosidad sucedió a i.e. amistad (como ocurrió con*

*Meynert, Breuer y Fliess), es difícil valorar de quien fue la culpa. Por lo que se sabe, ninguno de los artículos de Freud fue rechazado por ningún periódico, ni tampoco sus libros lo fueron por ningún editor. Al contrario de lo que se afirma usualmente, sus publicaciones no se encontraron con el helado silencio o i.e. crítica despreciativa que se dice haber existido. En realidad, i.e. recepción era i.e. mayoría de las veces favorable, aunque en ocasiones se acompañara de una mezcla de sorpresa y perplejidad. Raramente hubo un rechazo directo, y en ese aspecto otros no fueron tratados mejor que él. Es más probable que el sentimiento de aislamiento completo y amargo, que es un dato característico de la neurosis creadora, persistiera en él y fuera reforzado porque durante aquellos años él mismo se había aislado mucho del mundo médico vienés.” (Ellenberger, 1976: p. 521)*

O procedimento terapêutico de Freud, além de incorporar vários mecanismos e técnicas, tinha características verdadeiramente únicas em função da sua auto-análise. A análise freudiana consistia em testar em seus pacientes aquilo que experimentava em sua própria análise, aquilo que criou para dar conta de sua “Neurose Criadora”.

*“El psicoanálisis difiere esencialmente de otros métodos psicoterapéuticos en que el paciente repite la experiencia de la propia enfermedad creadora de Freud, aunque en forma atenuada y bajo una guía cualificada. El psicoanálisis equivale a un viaje por el inconsciente, del que el hombre emerge necesariamente con una personalidad modificada. Pero esto a su vez conduce a un dilema.” (Ellenberger, 1976: p. 608)*

É sabido que o próprio mundo interior constitui-se na principal fonte de inspiração de qualquer criador. Freud usou seu ascetismo, sua verve de escritor, seu domínio de sua língua, seu profundo interesse pela vida emocional do homem, seus sonhos.

*“Fue sobre todo (creemos) a partir de su enfermedad creadora cuando se originaron los dogmas principales del psicoanálisis: las nociones de sexualidad infantil, de la libido, con sus etapas sucesivas, sus fijaciones y la transformación en angustia; la idea de la situación edípica; la teoría de los*

*sueños; la parapraxia y los recuerdos pantalla; la concepción de los síntomas como realización vicariante de deseos; la noción de que las fantasías desempeñan un papel importante en las neurosis y en la creación poética, y de que las fantasías precoces, así como las primeras experiencias sexuales genuinas, desempeñan un papel no menos importante en el destino del individuo. (Ellenberger, 1976: pp. 621-622)*

## **2- A Nekya de Jung**

### → A viagem ao mundo dos mortos

Stevens, falando da experiência da Doença Criadora, associa-a a viagem perigosa do herói, com os sinais arquetípicos do “isolamento, da iniciação e do retorno”. Quando o herói passa pela prova sobre-humana, ele sai da mesma, transformado e detentor de um poder de beneficiar outros. O Clímax dessa experiência, a chamada *realização hierofântica*, corresponde a um estado intuitivo-visionário pertencente ao reino do sagrado. Geralmente, coincide com a crise da meia-idade, e deve ser vista como uma oportunidade de transformação espiritual e não como uma doença que deve ser curada. Tratar essa doença significa promover a individuação e não restaurar negativamente a *persona*, significa reverter o *status quo* anterior à doença. (Stevens, 1993)

Não resta dúvida que Jung passou pela experiência de sua doença e pela travessia da entrada para a sua meia-idade vivendo-as como uma realização hierofântica.

### → Viagem ao inconsciente

Tendo em vista sua pesquisa biográfica, Ellenberger aponta para as condições que precipitaram a Doença Criadora em Jung, a partir de 1913: o racha do grupo suíço com Freud, o abandono da Associação e das publicações psicanalíticas, a

demissão do seu cargo de Docente. Ele demonstra que esses eventos deram início a etapa mais obscura da vida de Jung.

Nesse período (entre 1913 e 1919), Jung dedicou-se à sua prática clínica privada, participou da convocação militar e quase não publicou. A hipótese que criara, em função de sua experiência com pacientes psicóticos, que dizia respeito ao freqüente surgimento de símbolos universais nas idéias delirantes y alucinações, o conduziu a supor a existência de um outro campo inconsciente, mais amplo do que o das representações reprimidas apresentadas por Freud.

*“Por entonces había llegado a la edad que, según sus propias teorías, marca el ‘cambio de vida’, es decir, al período comprendido entre los treinta y cinco y treinta y ocho años. En el curso de un crucero de cuatro días de duración por el lago Zurich que hizo con Albert Oeri y tres amigos más jóvenes, Oeri leía en voz alta a los demás el episodio de la Nekyia de la Odisea de Homero (el viaje de Ulises a la morada de los muertos) según la traducción alemana clásica de Voss. Fue un agradable prelude del viaje a través del inconsciente que Jung realizaría después y al que muchas veces se refirió como su propia Nekyia. Parece ser que entre 1910 y 1913 realizó algunos Intentos de comprender ese campo desconocido, permitiendo que el material inconsciente emergiera en los sueños y las fantasías.” (Ellenberger, 1976: p. 751)*

A partir desta data, Jung radicalizou o seu processo interno, e, nesse sentido, fez de uma maneira bastante semelhante à de Freud, embora tenha usado um método bastante diferente. Jung experimentou intensificar o contato com imagens inconscientes. Escrevia e desenhava, disciplinadamente, tudo que lhe ocorria.

*“Foi no ano de 1913 que decidi tentar o passo decisivo – no dia 12 de dezembro. Sentado em meu escritório, considerei mais uma vez os temores que sentia, depois me abandonei à queda. O solo pareceu ceder a meus pés e fui como que precipitado numa profundidade obscura. Não pude evitar um sentimento de pânico. Mas, de repente, sem que ainda tivesse atingido uma grande profundidade, encontrei-me – com grande alívio – de pé, numa massa mole e viscosa. A escuridão era quase total; pouco a pouco meus olhos se habituaram a ela, que parecia um crepúsculo sombrio. Diante de mim estava a entrada de uma caverna obscura; um anão ali permanecia de pé. Parecia feito*

*de couro, como se estivesse mumificado. Tive que esgueirar-me, quase roçando nele, a fim de entrar pela passagem estreita e fui patinando, a água gelada alcançando-me os joelhos, até o outro lado da caverna. Percebi então que numa saliência da rocha cintilava um cristal vermelho. Ergui a pedra e embaixo havia um espaço vazio. A princípio nada distingui nele; depois percebi, no fundo, um curso d'água. Passou um cadáver flutuando na corrente: era um adolescente de cabelos louros, ferido na cabeça. Seguiu-o um enorme escaravelho negro e então surgiu, do fundo das águas, um rubro sol nascente. Ofuscando pela luz, tentei repor a pedra no orifício, mas nesse momento um líquido fez pressão e escoou através da brecha. Era sangue! Um jato espesso jorrou e senti náusea. Tive a impressão de que isto se prolongou intoleravelmente. Afinal o jato de sangue estancou, terminando a visão". (Jung, 1975: 158)*

O conceito junguiano de amplificação nasce dessas experiências, associando essas imagens ao mito do herói e ao processo de morrer e de renovar-se. Constatou a irrelevância das interpretações precipitadas deixando em aberto vários aspectos da imaginação, até que algo fizesse sentido. Os arquétipos começaram a manifestar-se de forma mais direta. Sonhou, por exemplo, com um selvagem, numa montanha deserta, que assassinava uma figura heróica. Entendeu esse sonho no sentido da necessidade de “matar” uma certa identificação ultrapassada. Encontrou-se, em sua viagem interior, com velhos sábios, mulheres jovens, homens eruditos, personagens que lhe serviriam de guia.

→ Nascimento de conceitos fundamentais

Jung manteve uma forte ligação com a realidade através de sua família, de seu trabalho e do exame cuidadoso de cada imagem que procedia do inconsciente, traduzindo-a numa linguagem da consciência.

*“Redigindo as anotações a respeito de minhas fantasias, certo dia perguntei a mim mesmo: ‘Mas afinal o que estou fazendo? Certamente tudo isso nada tem a ver com ciência. Então do que se trata?’ Uma voz disse em mim: ‘O que fazes é arte’. Fiquei profundamente surpreso, pois nunca me teria vindo*

*ao espírito a idéia de que minhas fantasias se relacionassem com a arte. Mas pensei: 'Talvez meu inconsciente tenha elaborado uma personalidade que não é a minha, e que deseja exprimir sua própria opinião'. Eu sabia que a voz provinha de uma mulher, e a reconheci como sendo a de uma paciente, de uma psicopata muito dotada, que estabelecera uma forte transferência em relação a mim. Ela se tornara um personagem vivo de meu mundo interior. (Jung, 1975: 164).*

*(...)*

*Cheio de resistências, expliquei, energicamente, àquela voz que minhas fantasias nada tinham a ver com a arte. Ela calou-se então, e continuei a escrever. Mas pouco depois ela voltou ao ataque, repetindo a mesma afirmação: 'O que fazes é arte'. Protestei novamente: 'Não, não é arte; pelo contrário, é natureza'. Eu esperava uma contestação ou uma contenda. Mas como nada disso aconteceu, refleti que 'a mulher em mim' talvez não dispusesse de um centro da palavra e então lhe propus que se servisse de minha linguagem. Ela aceitou o oferecimento e expôs em seguida seu ponto de vista, numa longa dissertação". (Jung, 1975: 165)*

Com essa experiência, Jung criou um campo para refletir sobre a figuração feminina arquetípica no inconsciente do homem denominando-a, mais a frente, *Anima*. Postulou sobre a importância da integração dessa contraparte da psique masculina, e apontou para o quanto essa integração estava ligada à passagem para a meia-idade. A *anima* é o arquétipo encarregado de passar ao consciente as imagens do inconsciente masculino. Por outro lado, é ela que conduz as experiências internas do homem que se referem à intimidação, à deformação, à tecitura de intrigas.

Jung enfatizou a importância de se fazer uma diferenciação entre o conteúdo do consciente e os fenômenos do inconsciente. Sugeriu a técnica de personificação dos conteúdos do inconsciente, apontando a função que ela exercia, isso é, a de discriminação e de diminuição do poder cego sobre o consciente. Além do mais, essa maneira de ver ajudaria o indivíduo a se familiarizar com a autonomia dos

conteúdos inconscientes e, portanto, seria possível estabelecer uma ponte de comunicação com ele.

Durante o andar de sua longa noite, Jung fez outra descoberta; ele percebeu que o processo pelo qual passava tinha uma finalidade intrínseca, conduzia à descoberta dos aspectos mais significativos do seu interior, o Si-mesmo, o *Self*. E para este processo progressivo, deu o nome de Individuação.

Jung, assim com Freud, declarou o seu isolamento e o seu abandono nessa época. E aqui, faz-se igualmente curioso: segundo Ellenberger, “se trata, sem dúvida, de um exagero, já que havia conservado alguns discípulos, e em 1916 foi fundado um pequeno grupo junguiano em Zurich sob o nome de *Psychologischer Club*.” (Ellenberger, 1976: p.754)

#### → A Finalidade

Para Ellenberger, o fim de um percurso de uma Doença Criadora costuma ser abreviado, passando em seguida, e rapidamente, para uma outra fase, alegre, eufórica mesmo. Jung referiu-se a esse processo como uma superação de sentimentos, uma passagem de uma introversão para uma extroversão, cursando com uma "sensação de alívio e liberdade".

Uma marcante transformação se deu em Jung nesse período; ele tornou-se capaz de ser o fundador e dirigente de sua própria escola, e adquiriu muito mais propensão para as intuições, para as experiências psíquicas e para os sonhos. Ele atribuiu valores universais à sua experiência particular, apresentando com muita convicção seus conceitos de *Anima*, de Si-mesmo, de Arquétipos e de Inconsciente Coletivo.

*“Estas consideraciones nos pueden ayudar a definir con más exactitud la posición de Jung. Ha sido etiquetado de místico, metafísico, neo-gnóstico, etc. Él siempre mantuvo que no era un filósofo, sino un empirista, que se limitaba a describir las observaciones que había hecho en el curso de su actividad*

*psicoterapéutica. Sin embargo, la fuente principal de sus conceptos se encuentra en su Nekyia, es decir, en su viaje a través del Inconsciente. Esta experiencia pertenece a la misma categoría que el autoanálisis de Freud; se trata de una enfermedad creadora, que fue canalizada hacia la fundación de un sistema de psicología dinámica.” (Ellenberger, 1976: p. 772)*

A partir do seu conceito central de Individuação, Jung construiu uma nova noção de desenvolvimento da vida humana, a qual implica numa série de transformações: desde a criança que emerge do inconsciente coletivo até o completar do contato com o Si-mesmo, isso é, um processo que dura a vida inteira.

Baseado em sua Doença Criadora, Jung deu uma importância à passagem para a meia-idade como um momento especial e central do processo de Individuação, um momento de “mudança de vida”. Na etapa entre os 32 e os 38 anos, se manifestam as questões que não foram contempladas durante a primeira metade da vida. Afirmou que nesse período aparece uma forma de neurose referida aos potenciais intelectuais ou espirituais. O indivíduo precisa livrar-se de coisas de sua primeira metade de vida ao começar a segunda, precisa estar preparado para confrontar-se com o arquétipo do Espírito e do Si-mesmo.

Nessa época, desenhou muitas mandalas e refletiu sistematicamente sobre a função teleológica do processo de Individuação. Ele tinha uma noção bem fundamentada do que representava essa experiência crucial a qual atravessava: ela representa a perspectiva da desconstrução da soberania do Ego. Verificou o quanto tinha sido incipiente a sua tentativa de estudar sobre os mitos sem passar pela experiência de encontrar-se com o seu próprio mundo mítico, tal como iniciara no livro *Metamorfoses e Símbolos da Libido*. Deu-se conta de que precisava, antes, viver o seu processo de procura do mito, o que chamou de “confronto com o inconsciente”. E foi a partir de seus desenhos de mandalas que viu, “o caminho que seria necessário percorrer e cada passo que devia dar, tudo convergia para um dado ponto, o do centro”. Compreendeu, por fim, que a

imagem mandalar representa o centro e que o caminhar na direção desse centro constitui-se no próprio processo de individuação. (Jung, 1975: 174)

A finalidade do desenvolvimento da psique é o contato ampliado com *Self*, e o caminhar nessa direção é circular. Compreender dessa forma o seu processo trouxe a Jung sensações de segurança e propiciando o restabelecimento de sua paz interior. Para ele, através da mandala – havia alcançado a expressão do Si-mesmo, a descoberta final que faria o indivíduo ir além.

→ As próprias palavras

Vejamos as próprias palavras de Jung a respeito de sua Doença Criadora:

*“Foi naturalmente uma ironia do destino o fato de eu ter encontrado, como psiquiatra, passo a passo, no curso de minha existência esse material psíquico que fornece as pedras com que se constrói uma psicose e que conseqüentemente se encontra nos manicômios. Refiro-me ao mundo de imagens inconscientes que mergulham o doente mental numa confusão funesta, mas que também é a matriz da imaginação criadora de mitos. Imaginação com que a nossa época racionalista parece ter ‘perdido’ contacto. Certamente a imaginação mítica está sempre presente em toda parte, embora seja tanto repudiada quanto temida. Parece mesmo ser uma experiência arriscada ou uma aventura duvidosa confiar-se ao caminho incerto que conduz à profundidade do inconsciente. Tal caminho passa a ser o do erro, da ambigüidade e do equívoco.” (Jung, 1975: 167, 168)*

*“Minhas buscas científicas foram o meio e a única possibilidade de arrancar-me a esse caos de imagens; de outro modo esse material se agarraria a mim como ferrões ou me enlaçaria como plantas palustres. Procurei transformar cuidadosamente cada imagem, cada conteúdo, compreendendo-os racionalmente na medida do possível e, principalmente, procurei realizá-los na vida.” (Jung, 1975: 171)*

*“Hoje quando olho para trás e reflito sobre o sentido do que ocorreu na época em que me consagrava às minhas fantasias tenho a impressão de ter sido subjugado por uma mensagem poderosa. Havia nessas imagens elementos que não me diziam respeito, mas também a muitas outras pessoas. Fui tomado pelo sentimento de que não deviam pertencer somente a mim mesmo, mas à comunidade. Os conhecimentos que eu buscava e que me ocupavam ainda não faziam parte da ciência vigente naqueles dias. Eu mesmo devia realizar a primeira experiência e, por outro lado, devia tentar colocar no terreno da realidade aquilo que ia descobrindo; senão minhas experiências permaneceriam no estado de preconceitos subjetivos inviáveis. Desde esse momento pus-me a serviço da alma. Eu a amei e odiei, mas ela sempre foi minha maior riqueza. Devotar-me a ela foi a única possibilidade de suportar minha existência, vivendo-a como uma relativa totalidade.” (Jung, 1975: 170)*

*“Hoje posso dizer que nunca me afastei de minhas experiências iniciais. Todos os meus trabalhos, tudo o que criei no plano do espírito provêm das fantasias e dos sonhos iniciais. Isso começou em 1912, há cerca de cinquenta anos. Tudo o que fiz posteriormente em minha vida está contido nessas fantasias preliminares, ainda que sob a forma de emoções ou de imagens.” (Jung, 1975: 170)*

.....

## **Referências bibliográficas**

ELLENBERGER, Henri. *El Descubrimiento del Inconsciente – historia y evolución de la psiquiatría dinàmica*. Madrid: Gredos, 1976.

JUNG, C. G. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

STEVENS, A. *Jung: vida e pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1993.